

EDUCAÇÃO E RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS EM UMA TURMA DO 5º ANO DE UMA ESCOLA MUNICIPAL DE ITAPETINGA-BA: O QUE NOS DIZEM AS CRIANÇAS?

Poliana Almeida Santos

Graduanda em Pedagogia – Bolsista de Iniciação Científica - FAPESB

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

Tábitta Caldas Lima Mangabeira

Graduanda em Pedagogia – Bolsista de Iniciação Científica - CNPQ

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

José Valdir Jesus de Santana

Doutor em Antropologia Social

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

RESUMO

Nesta pesquisa, tivemos como objetivos analisar como as crianças agem, acionam e vivenciam as noções de racismo e discriminação racial em suas relações com outras crianças e adultos, além de identificar e analisar como se expressam o racismo e as práticas racistas no dia a dia das rotinas escolares, em uma turma do 5º ano de uma escola do município de Itapetinga-BA. Utilizamos de autores que têm discutido essa temática, a exemplo de Cavalleiro (2001, 2014), Silva (2010, 2015), Passos (2012), Fazzi (2006), Bastos (2015) e outros. Através das intervenções pode-se perceber a negação dos traços negroides e o desejo pelos traços caucasoides, ou seja, o “privilegio simbólico da brancura” é reelaborado pelas crianças e estas, quase sempre, enxergam na branquitude o valor e a referência positiva.

Palavras Chave: Crianças; educação; Relações étnicorraciais; Sociologia da Infância

Introdução

A pesquisa aqui apresentada, intitulada “Educação e relações Étnicorraciais em uma turma do 5º ano de uma escola municipal de Itapetinga-BA: O que nos dizem as crianças?” faz parte de uma pesquisa maior, coordenada pelo professor Dr. José Valdir Jesus de Santana, intitulada “*Do ponto de vista das crianças: educação e relações étnicorraciais em escolas públicas do município de Itapetinga-BA*”, da qual fazemos parte como bolsistas de Iniciação Científica. Nesta pesquisa, tivemos como objetivos analisar como as crianças agem, acionam e vivenciam as noções de racismo e discriminação racial em suas relações com outras crianças e adultos, além de identificar e analisar como se expressam o racismo e as práticas racistas no dia a dia das rotinas escolares.

Com a aprovação da Lei 10.639/2003, que introduziu a obrigatoriedade do ensino da História e Cultura Afro-Brasileira e Africana, ao longo de toda a Educação Básica, nos

estabelecimentos de ensino público e privado de todo o Brasil (em 2008, a referida Lei foi alterada, tornando-se 11.645, posto que acrescentou, além do que já tinha determinado a Lei 10.639, a obrigatoriedade do ensino das Histórias e Culturas Indígenas) seguido das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnicorraciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana (2004), tem crescido a debate em torno de uma educação para as relações étnicorraciais ou uma educação antirracista, como têm nos apresentado Munanga (2008), Silva (2015), Cavalleiro (2001), Silva (2011).

Esta pesquisa, de caráter qualitativo, foi realizada em uma escola pública Município de Itapetinga/BA teve como interlocutores crianças de uma turma do 5º ano. Para a realização da mesma, utilizamo-nos de observações e intervenções, assim intituladas (“Pintando como sou”; “O espelho e eu”; “História para completar”; “Representação através de imagens”; “Cine debate”), junto às crianças para que pudéssemos produzir os dados. Nas intervenções utilizamo-nos de material pictóricos, entrevistas, produção de cartazes, histórias elaboradas pelas crianças e um curta metragem. Como já nos advertiu Cohn (2005, p. 47) “o essencial, em todos esses casos, é aproveitar desses meios e dessas técnicas o que elas podem oferecer do ponto de vista das crianças sobre o mundo e sua inserção nele”.

Revisão de Literatura

É sabido que o debate em torno de uma educação antirracista, cuja culminância é a aprovação da Lei 10.639/03, vai se configurando a partir do momento em que o Movimento Negro Unificado vai eleger a educação como uma das prioridades no combate ao mito da democracia racial e, ao mesmo tempo, como espaço de superação e desconstrução do racismo, dos preconceitos e discriminações que atravessam a educação escolar e que estruturam as relações sociais e raciais em nosso país. Pesquisadores, a exemplo de Gomes (2003, 2006), Silva (2011), Silva (2010), têm demonstrado como a escola está impregnada de mentalidades e práticas racistas, acentuado as desigualdades sociais, sobretudo em relação à população negra desse país que, historicamente, tem sofrido com os efeitos do racismo. Na escola, estudantes negros e negras têm sofrido com o racismo, seja na relação com os colegas (brancos e não brancos), como também nas relações que estabelecem com os professores. O resultado, segundo Cavalleiro (2014, p. 98), é que “a escola oferece aos alunos, brancos e negros, oportunidades diferentes para se sentirem aceitos, respeitados e positivamente participantes da sociedade brasileira”.

Ademais, utilizamos, neste trabalho, autores que discutem sobre as relações étnicorraciais entre crianças pequenas no contexto da educação, a exemplo de Cavalleiro (2001, 2014), Fazzi

(2006), Passos (2012), Silva (2015), Bastos (2015) Abramowicz, Oliveira e Rodrigues (2010), Abramowicz e Oliveira (2012). Entendemos o quanto é importante realizar pesquisas com crianças, posto que elas têm muito a nos dizer sobre as relações étnicorraciais, as maneiras de como o preconceito e a discriminação racial se estruturam dentro e fora do espaço escolar, muitas das vezes através da prática do isolamento, xingamentos, rejeições que recaem, quase sempre, em relação às crianças negras.

Pesquisadoras como Eliane Cavalleiro (2001, 2014) e Bastos (2015) trazem em suas pesquisas um panorama assustador, demonstrando várias situações presenciadas por elas no momento em que realizavam suas pesquisas: Atitudes de reprodução do preconceito e discriminação que partem de crianças para com crianças e educadores para com crianças.

As reflexões trazidas pela sociologia da infância e antropologia da criança tem nos permitido pensar a criança como um ser atuante que tem um papel ativo na constituição das relações sociais em que estão envolvidas. Pesquisadores como Cohn (2005), Abramowicz e Oliveira (2012), Corsaro (2011), Delalande (2011), dentre outros, têm nos demonstrado o quanto as crianças têm muito a nos dizer sobre as mais variadas questões, inclusive sobre as relações raciais, e, portanto, do potencial teórico, analítico e metodológico de pesquisas que têm como interlocutores as crianças.

Segundo Fazzi (2006), é fundamental entender como se estrutura e se consolida o preconceito racial. Compreender como as crianças agem e vivenciam suas relações com outras crianças e como aprendem o que significa ser de uma categoria racial ou de outra, internalizando o significado de raça. O uso de noções preconceituosas, ao mesmo tempo, cria e recria o preconceito. A escola, portanto, faz parte de um desses espaços de socialização onde várias situações ocorrem gerando desconforto, rotulações, que estereotipa os indivíduos.

Resultados e Discussão

Durante as observações pode-se notar como as práticas racistas se apresentam em ações de forma naturalizada e visível, através de xingamentos, gozações, quase sempre direcionadas às crianças negras, como já nos demonstraram Fazzi (2006), Cavalleiro (2014) e Silva (2015). Os termos “cabelo de doida”, “cabelo de bruxa”, “cabelo duro” e “cabelo vei, fei”, utilizados pelas crianças, em nenhum momento foi dito às escondidas, baixinho, mas de forma que todos pudessem ouvir. O termo é usado no momento de ódio, para xingar ou zombar a imagem da criança. Segundo Cavalleiro, “o racismo é um problema que está presente no cotidiano escolar, que fere e marca, profundamente crianças e adolescentes negros. Mas, para percebê-lo, há a necessidade de um olhar crítico do próprio aluno” (2014, p.55).

Nos resultados da primeira intervenção, tendo como participantes 25 crianças, três declararam sua cor como negra, seis se declararam brancas, cinco como morenas, cinco como pardas, duas como branquinhas e uma café com leite, que depois apagou e escreveu branco. Três crianças não atingiram o objetivo da proposta, desenhando personagens de desenhos animados. Nos resultados da segunda intervenção, tendo como participantes 25 crianças, todas as crianças afirmaram se achar bonitas, exceto uma que disse se achar um “pouquinho feia”. Quando questionada revelou que era por conta do seu cabelo “duro”, que tinha que pentear todo dia, toda hora. A parte que as crianças comentaram mais gostar em si próprio foi o cabelo, porém sempre tinha alguma coisa a mudar nele. O desejo de mudança mais explicitado recaía sobre o cabelo liso, loiro, castanho claro ou escuro. Outra mudança bastante escolhida foi a cor dos olhos para verde ou azul. Nos resultados da terceira intervenção, tendo como participantes 23 crianças, teve três histórias com inícios diferentes relacionadas ao racismo, discriminação racial e o preconceito. Quatorze crianças escreveram suas redações identificando o problema sofrido pelos personagens por sua cor negra, além de criar personagens de cor branca que ofendiam os personagens negros.

Na quarta intervenção, tendo como participantes 25 crianças, estas foram convidadas a confeccionar cartazes com a representação do que é bonito/feio, rico/pobre, cabelo “bom/ruim”, além de uma imagem que representa a criança quando ela crescer. Ao questionar as crianças sobre a retirada ou mudança de alguma coisa nas personagens escolhidas, que poderia torná-las menos bonitas ou feias, grande parte das crianças pontuou o cabelo, o olho, a boca e a roupa. Uma criança apontou a cor da pele. As crianças caracterizaram as pessoas ricas com muito dinheiro, muitas casas, roupas bonitas e novas, cabelos bonitos e bem penteados. Ao caracterizar uma pessoa pobre, estas afirmaram que se trata de uma pessoa que não tem roupa bonita, cabelo bonito e não tem casa. Ao questionar sobre como era esse cabelo, disseram cabelo espetado para cima, que a pessoa passa o pente e prende. Ao descrever o que é um cabelo bom, as crianças definiram como um cabelo bonito, liso, natural, saudável e grande. Ao definir um cabelo ruim as crianças definiram como cabelo de bombрил, cabelo “tuim”, cheião, altão. As crianças que tinham que escolher a imagem de como eles se veem quando crescerem representaram-se com mulheres de cabelos grandes. O cabelo grande foi o símbolo de ser adulto. A última intervenção foi o cine debate, exibindo o curta metragem o “Xadrez das Cores”, que traz uma temática sobre a discriminação racial entre a patroa branca e a empregada negra. Em vários momentos as crianças afirmam que o problema enfrentado pela empregada é o bullying, poucos conseguem identificar como racismo e preconceito.

A partir dessa pesquisa podemos afirmar aquilo que a sociologia da infância e antropologia da criança têm nos mostrado: as crianças têm muito a nós dizer sobre todas as coisas, a partir das relações que elas vivenciam com outras crianças e com os adultos, inclusive sobre as relações étnicorraciais, posto que são capazes de se articular entre grupos de pares, no caso de nossa pesquisa, sejam para reafirmar ou negar os mecanismos racistas de nossa sociedade que se reproduzem na escola e que impactam crianças negras e brancas, especialmente. No caso da criança branca, reiteradamente, a escola atua no sentido de “cristalizar um sentimento de superioridade, visto que, diariamente, recebe provas fartas dessa premissa (CAVALLEIRO, 1999, p.99). Consequentemente, em relação às crianças negras, “tais práticas, embora não se iniciem na escola, contam com o seu reforço, a partir das relações diárias, na difusão de valores, crenças, comportamentos e atitudes de hostilidade em relação ao grupo negro” (CAVALLEIRO, 2014, p. 99).

Percebemos que as relações de socialização entre as crianças constroem um espaço de tempo e de privilégios em que as noções raciais e crenças trazidas em suas bagagens são experimentadas e testadas pelas próprias crianças, como nos disse Fazzi (2006), e que se demonstraram em nossa pesquisa, através de xingamentos, relações de evitação das crianças brancas em relação às negras, a naturalização da branquitude e a reafirmação de padrões de estética valorizados socialmente.

Conclusão

Em nossa pesquisa, verificamos práticas de reprodução do preconceito e discriminação entre as crianças; o desejo e as estratégias que as crianças negras elaboram para “driblarem” os efeitos do racismo, sempre perverso e que fazem com que muitas dessas crianças queiram se aproximar da branquitude valorizada socialmente; verificamos que as crianças percebem as diferenças de tratamento dispensados às crianças brancas e negras por parte da professora; enquanto que as crianças negras expressam desejo de mudança em relação às suas características fenotípicas (especialmente em relação à cor da pele e ao cabelo crespo), diante das atitudes de xingamento, desvalorização de seu pertencimento étnicorracial, as crianças brancas se sentem confortáveis com suas características fenotípicas, com seu pertencimento racial.

Referências Bibliográficas

ABRAMOWICZ, Anete; OLIVEIRA, Fabiana de; RODRIGUES, Tatiana. C. A criança negra, uma criança negra. In: ABRAMOWICZ, A; GOMES, N. L. (Orgs.). **Educação e raça: perspectivas políticas, pedagógicas e estéticas**. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

- ABRAMOWICZ, Anete; OLIVEIRA, Fabiana de. As relações étnico-raciais e a sociologia da infância no Brasil: alguns aportes In: BENTO, Maria Aparecida (Org). **Educação infantil: igualdade racial e diversidade**. São Paulo: CEERT, 2012.
- BASTOS, Cunha da Priscila. “Eu nasci branquinha”: construção da identidade negra no espaço escolar. **REVEDUC- Revista Eletrônica de Educação**, v, 9, n. 2, p. 636, 2015.
- CAVALLEIRO, E. **Racismo e anti-racismo na educação: repensando nossa escola**. São Paulo: Selo Negro, 2001.
- CAVALLEIRO, Eliane dos S. **Do silêncio do lar ao silêncio escolar: racismo, preconceito discriminação na educação infantil**. 6 ed. São Paulo: Contexto, 2014.
- COHN, Clarice. **Antropologia da criança**. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.
- CORSARO, William A. **Sociologia da Infância**. São Paulo: Artmed, 2011.
- DELALANDE, Julie. As crianças na escola: pesquisas antropológicas. In: FILHO, Altino José Martins e PRADO, Patrícia Dias (Orgs.). **Das pesquisas com crianças à complexidade da infância**. Campinas, São Paulo: Autores Associados, 2011.
- FAZZI, Rita de Cássia. **O drama racial de crianças brasileiras: socialização entre pares e preconceitos**. Belo Horizonte: Autêntica. 2006.
- FINCO, Daniela; OLIVEIRA, Fabiana de Oliveira. A sociologia da pequena infância e a diversidade de gênero e de raça nas instituições de educação infantil. In: FARIA, Ana Lúcia Goulart de; FINCO, Daniela (Orgs.). **Sociologia da infância no Brasil**. Campinas, SP: Autores Associados, 2011.
- GOMES, Nilma Lino. Cultura negra e educação. **Revista Brasileira de Educação**. Maio/Jun/Jul/Ago, nº 23, 2003.
- GOMES, Nilma Lino. Diversidade cultural, currículo e questão racial: desafios para a prática pedagógica. In ABRAMOWICZ, A; BARBOSA, L. M. de A; SILVÉRIO, V. R. (orgs.). **Educação como prática da diferença**. Campinas. SP: Armazém do Ipê; Autores Associados, 2006.
- MUNANGA, Kabengele. **Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra**. 3 ed. Belo Horizonte: Autentica, 2008.
- PASSOS, Joana Célia dos. A educação para as relações étnico-raciais como política pública na educação infantil. In: VAZ, Fernandes, Alexandre. MOMM, Machado, Caroline. (Orgs.) **Educação infantil e sociedade: questões contemporâneas**. Nova Petrópolis: Nova Harmonia, 2012.
- SILVA, Ana Célia da. **A representação social do negro no livro didático: O que mudou? Como mudou?** Salvador: EDUFBA, 2011.
- SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves. Crianças negras entre a assimilação e a negritude. **REVEDUC- Revista Eletrônica de Educação**, v. 9, n. 2, p. 161-187, 2015.
- SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves. Estudos afro-brasileiros: africanidades e cidadania. In: ABRAMOWICZ, A; GOMES, N. L. (Orgs.). **Educação e raça: perspectivas políticas, pedagógicas e estéticas**. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.